

“CHICO BARBOSA” – O JORNALISTA DA LITERATURA

“Simples reportagens se tornam clássicas nas mãos do operoso e incansável Assis Barbosa, alcançando a perenidade da literatura” Otto Lara Resende

Com a aproximação do centenário de nascimento do acadêmico Francisco de Assis Barbosa, que ocorrerá em 2014, fica perceptível a necessidade de renascer das cinzas o personagem e suas obras, pela fundamental importância que teve no cenário cultural brasileiro entre as décadas de 1930 e 1970. Notadamente por suas obras enfeitadas em livro, como pelos seus escritos esparsos pela imprensa brasileira, particularmente na carioca, que foi o berço da comunhão entre a imprensa e a divulgação literária, no período em que fervilhavam, em certo sentido, os suplementos litero-culturais (1940-1960). E o presente texto, entre outras finalidades, pretende sinalizar sua representação e provocar os colegas valeparaibanos para o desenvolvimento de uma biografia consistente e digna desse importante intelectual.

O Jornalista e a Literatura

A grande área na qual Chico Barbosa se dedicou imensamente foi o jornalismo, cuja labuta alicerçou o seu nome no panteão dos grandes escritores. Atividade que exerceu desde os bancos universitários, passando pelos grandes jornais e revista do país: “A Noite” (1934), “O Imparcial” (1935), “A Noite Ilustrada”, “Vamos Ler”, “Carioca”, “Diretrizes” (1936-1942). Foi, também, colaborador da Revista “Globo”, redator do “Correio da Manhã” (1944), do “Diário Carioca”, da “Folha da Manhã” e da “Última Hora”, (1951-1956). E editor do Jornal do Brasil por ocasião do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, em 1965.

E foi no exercício dessa profissão que provavelmente aproximou-se da literatura e do meio literário do Rio de Janeiro no decorrer das décadas de 1930 e 1940. Isso resultou no brilhante papel que desempenhou, reunindo grande série de entrevistas sobre renomados autores brasileiros, registrando as contribuições e resgatando a memória de muitos personagens esquecidos da literatura brasileira. Tendo sido um dos fundadores da Associação Brasileira de Escritores e membro do conselho deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Dentre as reportagens e entrevistas mais destacadas e polêmicas, merece destaque foi aquela que ele teve como entrevistado, em novembro de 1941, o Coronel Dilermando de Assis, que foi o assassino de Euclides da Cunha.

No desenrolar dessa matéria, fica a ideia que na “tragédia da Piedade” não houve inocentes, e que todos pareceriam réus e vítimas, mas que certamente a “opinião pública” estaria entre as mais culpadas. E que teria sido ela que, na pessoa do delegado Oliveira Alcântara, teria feito uma investigação inteiramente facciosa, ignorando todos os fatos que apontavam para a legítima defesa, passando premeditadamente a acusar de homicídio o aspirante Dilermando de Assis, que na época contava com 17 anos. (ROUANET *in* MOREIRA, 1996).

“A opinião pública sabia o que queria: acusar a priori o assassino de Euclides, que cometera o erro de defender-se do seu agressor, em vez de permitir que a lógica da sociedade machista chegasse às últimas consequências – a punição do amante pelo marido enganado”.

Com essa matéria Francisco de Assis Barbosa foi um dos primeiros a defender o ponto de vista da mulher, mostrando como Ana sofrera perseguições e omissões de um marido neurastênico, e por tabela o ponto de vista de Dilermando, duas vezes absolvido pelos tribunais, mas implacavelmente condenado pela opinião pública (ROUANET *in* MOREIRA, 1996).

Outra importante entrevista realizada foi com um dos representantes do modernismo no Brasil e incentivador da Semana de Arte Moderna de 1922, o escritor Mário de Andrade, registrada na obra “Testamento de Mário de Andrade e outras reportagens”, publicado em 1954 pelo Ministério da Educação e Cultura.

“O escritor então é responsável até pela grafia das palavras quanto mais pelo que transmite por elas. Se a sociedade está em perigo, conclui-se que o escritor tem a obrigação indeclinável de defendê-la. Infelizmente não são muitos os que entre nós se capacitaram disso. Uns por não possuírem consciência profissional. Outros por não possuírem consciência de espécie alguma. Não há por onde fugir. Ninguém pode cruzar os braços e ficar acima das competições sociais. É assim com a guerra, na luta das democracias contra o fascismo de todas as categorias”.

Trecho de entrevista de Mario de Andrade (BARBOSA, 1954 p.11).

Nesse trecho, assim como o seu entrevistado, vê-se a preocupação do jornalista em buscar isenção e imparcialidade nos seus trabalhos:

“É bem possível que eu nunca tivesse publicado uma só linha se não tivesse a certeza de que minha literatura poderia ser útil. Não pretendia, de fato, publicar nenhum poema de Paulicéia desvairada. Até que um dia percebi que minhas poesias tinham capacidade para irritar a burguesia. Foi o bastante. Pelo resto da minha carreira literária, observei a mesma linha de conduta. Só publico o que pode servir. Todas as minhas obras têm um intenção utilitária qualquer. As coisas de pura preocupação estética que fiz durante algum tempo, eu destruí. Só me interessavam a mim, como aquisição de técnica pessoal”.

Trecho de entrevista de Mario de Andrade (BARBOSA, 1954: 13).

Mas, segundo Sérgio Paulo Rouanet, Assis Barbosa foi sim um repórter, no sentido de usar sempre uma linguagem simples, recusando pedantismos acadêmicos, com a ironia de quem passara pela experiência do modernismo. E diz que o jornalista tinha uma capacidade de transmitir ao leitor informações complexas de um modo inteligível, por seu talento para apresentar e interpretar os fatos, e competência para estabelecer ligações rápidas entre episódios, encadeando causa e efeito. E acrescenta:

“ele não era apenas um repórter, era um grande repórter. Repórter político, como quando cobriu a constituinte de 1946. Repórter das vidas humildes, como quando entrevistou o porteiro da Academia Brasileira de Letras. E repórter das letras e das artes, entrevistando com igual maestria representantes de todos os meios culturais, Villa Lobos e Magdalena Tagliaferro na música, Cardoso Junior na pintura, Augusto Frederico Schmidt na poesia, Mario de Andrade na crítica e no ensaio.”

Outra característica do jornalismo de Barbosa foi a ideia explícita em seus escritos de que seria impossível separar a literatura da política, a não ser que considerasse escritores e políticos uns retardados imbecis. E ainda, quer queiram, quer não queiram um romance, um conto, um baladilha, um soneto, uma peça de teatro, seja qual for a forma de expressão ou gênero literário, há de refletir sempre um estado de espírito, individual ou coletivo, e conseqüentemente atuará sobre o autor todo o complexo da organização política e social do seu país e da sua época (BARBOSA, 1958: 14). E um dos seus textos reflete tal estado de coisa.

[...] a luta pela uniformidade literária no Império, que se desdobraria na República na interminável discussão em torno da ortografia única, tantas vezes reaberta, e sempre com prejuízo para o Brasil, deixando à mostra o rabo de interesses que nada tem a ver com a literatura, muito menos com a cultura. [...] Considere-se a vastidão geográfica do Brasil, em comparação com Portugal, e mais do que isso: a diferenciação das suas áreas culturais, a diversificação econômica imposta pela industrialização e outros fatores, a própria integração do elemento estrangeiro – o italiano, o alemão, o sírio-libanês, o japonês, de outras massas de imigrantes que estão vindo para cá, sem falar na contribuição do índio e do negro, pois isso já é coisa do passado. O campo de experimentação e elaboração da nova língua portuguesa está, sem dúvida, nos dias atuais, mais no Brasil do que em Portugal. “Por isso mesmo, em nome do senso, em nome de um melhor entendimento entre os dois países, e em nome até da tão decantada amizade luso-brasileira, não se devia mais discutir a serôdia questão da unidade ortográfica” (BARBOSA, 1958: 29). “Sim, não somos jacobinos. Nem pretendemos defender a idéia estapafúrdia da formação de uma língua brasileira em tão curto espaço de tempo” (BARBOSA, 1958: 30).

Segundo Rosa Maria Barboza de Araujo, Francisco de Assis Barbosa era

“Crítico inclemente, não lhe faltava ânimo para trucidar a produção que lhe parecida medíocre, nem entusiasmo para enaltecer projetos que lhe soavam nobres. Chico Barbosa, como ele próprio se chamava, em sintonia com os amigos, era um intelectual que dizia o que pensava. Cidadão sem preconceitos, não temia discórdias ideológicas ou literárias.”

Imortal da Academia Brasileira de Letras

Após concorrer com o escritor valeparaibano Miguel Reale, que era visto como o favorito por importantes jornais da época, Assis Barbosa foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras, em 19 de novembro de 1970, ocupando então a cadeira nº 13, cujo patrono é Francisco Otaviano de Almeida Rosa, e membro fundador, o Visconde de Taunay.

Consagrou o seu discurso de posse quase inteiramente para a uma análise biográfica e crítica de Augusto Meyer, tecendo considerações a respeito do fundador da cadeira. Em determinado trecho, lembrou, falando sobre sua eleição que “A Academia” deu o maior prêmio que poderia ambicionar o

biógrafo de um escritor que tanto a desejou e foi por duas vezes repellido, refere-se ao grande romancista Lima Barreto. O tom formal do seu discurso só foi quebrado quando aludiu ao número da cadeira que passaria a ocupar.

“Com relação ao número 13, não guardo reservas. Começo a tomar posse num dia 13, no décimo terceiro ano da presidência de Austregésilo de Athayde. Cresci com as trezenas a Santo Antônio. A cidade² onde nasci e passei minha infância e parte da adolescência”, afirmou o acadêmico, acrescentando mais adiante que, “o perigoso de ser o sétimo de uma cadeira 13 são os números cabalísticos. Confio na aproximação de ambos”. “Ainda perplexo diante da vossa generosidade, olho para o passado, olho em torno, olho para a frente. Posso sentar-me na Cadeira 13?”.

Em Guaratinguetá

Membro fundador do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) ocupou cargo no conselho administrativo da primeira diretoria do IEV, que tinha como presidente o Professor José Luiz Pasin. Colaborou ativamente de várias reuniões e palestras realizadas na Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena, tendo como destaque aula inaugural proferida em 12 de março de 1974 no Auditório São Joaquim, que tinha como tema “Contribuição das Faculdades do interior para a difusão da cultura”.

Foi um dos grandes incentivadores da “Semana Brito Broca” em Guaratinguetá, que trouxe a cidade grandes personagens do cenário histórico-cultural brasileiro, dentre estes se destaca Josué Montello, Menotti Del Picchia, Austregésilo de Athayde. (FORTES,1995)

De sua admiração pela cidade e seus conterrâneos nota-se nos trechos abaixo transcritos de artigo publicado pelo Jornal Valeparaibano de 15 de janeiro de 1992, artigo com o depoimento do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy:

[...] Chico de Assis, diretor da casa desde 1977, foi me buscar no aeroporto. Feita a conferência, arrisquei perguntar o que lhe pareciam meus pontos de vista, ao que respondeu que eram “ousados” e que não esperava outra coisa “afinal, somos de Guaratinguetá”. Não entendi bem o que significavam suas palavras, mas me contentei naquele momento. [...] Voltei para o Rio de Janeiro em 83 para terminar a introdução ao “Nacionalismo Acadêmico: Os Brazilianistas” [...] Nessa ocasião avistei-me com Chico visando seu polêmico texto de apresentação da obra de Thomas Skidmore, “De Getúlio a Castelo”. Foi uma conversa animada onde ele reclamava do abusivo fechamento da intelectualidade nacional em face da contribuição estrangeira sobre nós. Não faltou-lhe entusiasmo para motivar-me à conclusão do texto e repetiu: “Seja valente afinal, somos de Guaratinguetá”. [...] Um ano depois recebi uma carta onde dizia: “Sebe, mande-me uma cópia de sua tese de livre docência “Vale de Lágrimas, história da Pobreza em Taubaté”, finalmente alguém começa a pensar o Vale sem o pastiche rotineiro”. [...] Em 88, estive com ele numa sessão que homenageava a obra do professor Sérgio Buarque de Holanda, amigo prezado do velho Chico. Conversamos animadamente durante um jantar inteiro sobre questões afeitas a ser acadêmico “fora do lugar”. Foi um dos encontros mais intensos da minha carreira. O Vale e a inviabilidade de ser intelectual “na terra” era o tema central da conversa. Reclamamos muitos, ficamos nostálgicos e como seria inevitável cruzamos mágoas, fundimos frustrações e amalgamamos esperanças de dias mais cultos para a nossa maltratada plaga. Ao fim da conversa, despediu-se dizendo “estamos ligados definitivamente, afinal, somos de Guaratinguetá. [...] Pensando nas lições do mestre ouvi suas palavras dirigidas a nossa causa comum: “afinal, somos de Guaratinguetá”, talvez agora entenda um pouco melhor o que ele queria dizer.” (MEIHY, 1992).

Segundo depoimento de D. Yolanda Barbosa, viúva do Acadêmico Francisco de Assis Barbosa, quando em ocasião da entrega do fardão ao Museu Frei Galvão:

“Guaratinguetá não é apenas a cidade em que Chico Barbosa nasceu. Ela sempre foi um dos motivos de seu orgulho e mesmo de seu amor. (...) amou esta cidade e, a ela se referia sempre, quer em seu convívio com amigos, quer nos seus trabalhos literários. Em suma: ele amou Guaratinguetá do fundo do seu coração.” (25 de setembro de 1993).

Sou acima de tudo brasileiro. Um caipira do vale do Paraíba, que não dispensa virado de feijão, angu e cambuquira. Mas com o curso completo da Praça Onze, Lapa, Catete e arredores. Impregnei-me do sentimento nacional desta nossa querida cidade de São Sebastião. Como Manuel Bandeira, carioca do Recife. Eneida, carioca de Belém do Pará. Silva Melo, carioca de Juiz de Fora. José Olympio, carioca de Batatais. O Rio dilui todos os bairrismos e querências.

Considerações Finais

Várias foram as contribuições de Francisco de Assis Barbosa para a literatura, história, jornalismo e cultura nacional, tendo mais de 20 obras publicadas, cabe destacar A Vida de Lima Barreto, obra que garantiu sua entrada na Academia Brasileira de Letras, mas muitas foram as suas contribuições.

Só que assim como no caso de vários das ilustres figuras do Vale do Paraíba teve que ir buscar reconhecimento fora de sua cidade. E como Brito Broca, foi no Rio de Janeiro que ele conseguiu conquistar seu espaço, por dedicação e empenho, chegando ao ponto mais alto de reconhecimento para um escritor, a Academia Brasileira de Letras.

E esperamos a oportunidade de um estudo profundo e detalhado de sua obra, para que assim receba as justas homenagens pelo seu trabalho.

NOTAS

¹ Guaratinguetá se escreve com 13 letras, e o aniversário da cidade hora era em 13 de fevereiro, depois passou para 13 de junho data do padroeiro da cidade Santo Antônio.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis & REBELO, Marques. Discurso na Academia. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. 1971.

_____. Lima Barreto. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora. 1960.

_____. Testamento de Mário de Andrade e outras reportagens. Rio de Janeiro.

Departamento de Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Cultura. 1954.

_____. Retratos de Família. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1954.

_____. Achados do Vento. Rio de Janeiro. Departamento de Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Cultura, 1958.

_____. A vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1952.

_____. A vida de Lima Barreto, 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional de Livro, 1975. (Documentos Brasileiros, 70).

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. SILVEIRA, Joel. Os Homens não falam de mais... Rio de Janeiro: Alba Editora, 1942.

BROCA, José Brito. A Vida Literária no Brasil. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

FARIA, Terezinha Paiva de et ali. Decadência do Café numa Comunidade Valeparaibana. Ed. dos autores. Guaratinguetá, São Paulo, 1973.

FORTES, Francisco José Castro. Paulistas de Guaratinguetá – Francisco de Assis Barbosa. Guaratinguetá: Jornal Notícias, 21 de janeiro de 2005.

MOREIRA, Moacyr Limongi. 3 Escritores de Guaratinguetá – Brito Broca, Francisco de Assis Barbosa, Homero Senna. São José dos Campos-SP: Edições “O Discípulo”, 1996.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

PAES, José Paulo & MASSAUD, Moisés (Org.). Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira: biográfico, crítico e literário. São Paulo: Cultrix, 1967.

SOUZA, Antonio Candido de Mello. Literatura e Sociedade. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.

Diego Amaro de Almeida é Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) Bolsista da CAPES, Licenciado em História pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Conselheiro Administrativo do Instituto de Estudos Valeparaibanos e Vice-Presidente do XXVII Simpósio de História do Vale do Paraíba.